

Topocídio em Porto XV, MS Percepção dos atingidos por barragens

Vera Lúcia dos Santos *

Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado **

A sociedade moderna se caracteriza principalmente pela rápida e acelerada mudança na relação homem-natureza. Houve um tempo que o homem respeitava e até mesmo glorificava os elementos naturais, em reconhecimento da sua necessidade para garantir a sobrevivência humana e a perpetuação da espécie. Hoje, o avanço tecnológico e científico atingido pela sociedade moderna permite ao homem utilizar a natureza não respeitando suas leis básicas, usufruindo certos recursos naturais de uma maneira pré-concebida, a fim de atender determinados interesses. Sendo assim, constantemente deparamo-nos com atitudes humanas que acabam interferindo cada vez mais na dinâmica dos elementos naturais, perturbando um sistema que possui sua própria ordem, como por exemplo, florestas sendo desmatadas, rios sendo represados, cidades expandindo-se desordenadamente, etc...

Um exemplo típico de mudanças bruscas provocadas no meio ambiente é a construção de Usinas Hidrelétricas, que obviamente acarreta uma série de impactos, derivados da formação dos reservatórios que provocam alterações ambientais, com efeitos positivos e negativos. De acordo com **PAIVA (1983)** pode-se citar como exemplo dos efeitos negativos o acúmulo de sedimentos nas bacias hidrográficas; maior possibilidade de deslizamentos e tremores de terra; aumento da evaporação e/ ou evapotranspiração, o que provavelmente ocasionará mudanças climáticas locais ou regionais; necessidade que a população ribeirinha mude para outro lugar, descaracterizando seu modo de vida; aumento da atividade humana durante e depois da construção das barragens; alteração do cotidiano dos moradores, ocasionando o aumento de violência, prostituição, etc...; alterações da topografia, entre outros. No entanto, o autor também destaca alguns benefícios com a construção das barragens, tais como: produção de energia elétrica, estocagem de água, criação de áreas para recreação, etc...

No geral percebe-se que os planejadores preocupam-se demasiadamente com os impactos ambientais físicos provocados pela construção de uma Usina Hidrelétrica, pois esses impactos são visíveis e danosos e geralmente os próprios órgãos responsáveis pela proteção e preservação do meio ambiente exigem maiores cuidados dos técnicos que desenvolvem o projeto. Porém, os impactos sociais são tão danosos quanto os ambientais, merecendo igualmente dos técnicos e governos responsáveis pela implantação de um projeto de grande porte, especial atenção.

Percebe-se, neste caso, que o impacto social não representa apenas a mudança de lugar, uma vez que, as pessoas não devem ser consideradas e tratadas como simples objetos que se leva de um lugar para outro.

Neste sentido, lugar não pode ser avaliado apenas como mera localização geográfica, mas como a expressão mais clara de apego, cotidiano, de sentimentos que explicam uma série de experiências pessoais e íntimas que as pessoas jamais esquecerão.

É este mesmo o sentido dado por **TUAN (1983)** quando comenta que lugar é a própria segurança, ou seja, nos sentimos seguros em um determinado lugar por conhecermos bem suas limitações, mas por outro lado, na condição de seres humanos somos levados a ansear pela liberdade, que é representada pelo espaço. Fica claro então que ambos se

* Pós- Graduanda, IGCE, UNESP, Rio Claro - SP, Brasil.

** Profa. Assistente Doutora, Departamento de Geografia, IGCE, UNESP, Rio Claro - SP, Brasil.

completam, pois, como afirma **TUAN** um espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. **RELPH (1979)** também comenta que lugar está relacionado com a experiência e o envolvimento com o mundo, sendo a necessidade básica de raízes e de segurança. Ressalta que a necessidade de segurança nos lugares não é questão de escolha; a necessidade de lugar em geral e por lugares particulares é largamente pré-determinada. É imensamente difícil decidir de antemão em que tipo de ambiente você deseja viver, avaliar a qualidade dos lugares e selecionar o melhor, de acordo com um critério definido racionalmente. Você justamente conhece onde se sente em casa.

Esta exposição sobre o conceito de lugar, através de uma visão mais profunda, é importantíssima nos dias atuais, pois diante de tantas transformações no meio ambiente, principalmente no que se refere à construção de Usinas Hidrelétricas e formação de reservatórios, uma vez que os planejadores geralmente consideram lugares e as paisagens aptos a receber qualquer mudança, sem considerar que estão impregnados de sentimentos profundos e muita afetividade.

Assim como os lugares, as paisagens possuem expressiva importância, adquirindo muitos significados para quem aprendeu a apreciá-la com o tempo. **MACHADO (1988)** destaca que paisagem deve ser entendida como um todo, não apenas como resultado de elementos ou simplesmente soma de suas partes. Comenta também que ela representa o próprio mundo vivido das pessoas, onde se realizam todas suas atividades vitais (nascem, crescem, se orientam, sentem, gostam e desgostam), ou seja, há vínculos cognitivos e afetivos muitos fortes entre as pessoas, lugares e paisagens.

Sendo assim, é imensamente difícil diferenciar espaço, paisagem e lugar, pois um contém o outro, sendo que o que lhes confere forma é o próprio homem. O próprio **RELPH (1979)** salienta que a relação entre essas três esferas (paisagem, lugar, espaço) não é constante, sendo que lugares tem paisagens, e paisagens e espaços têm lugares. Porém, somos levados até mesmo devido a expressão cultural à designarmos maior significado aos lugares, já que ele representa o próprio espaço e paisagem mais próximos das experiências humanas.

No entanto, ao estudar uma determinada área levando em consideração essa abordagem, ou seja, essa maneira de avaliar a importância de lugar, paisagem e espaço, torna-se necessário recorrer a outros métodos de pesquisa, diferentemente do arcabouço metodológico da geografia tradicional. Neste sentido, o presente estudo procura ressaltar a paisagem levando em consideração a percepção dos indivíduos que vivem e modificam a paisagem que os circundam, não considerando apenas que ela é fruto de uma produção social, mas sim, que o sujeito a organiza e lhe atribui um sentido de vivência.

A Geografia Humanista tem fornecido meios de avaliar a percepção das pessoas e os valores e as atitudes desencadeados diante de determinadas situações que ocorrem no cotidiano. Porém, ao tratar de pesquisa relacionada ao estudo da percepção ambiental, algumas questões são importantíssimas, tais como: “O que é percepção”? “O que percebemos”? “Como percebemos?”. **OLIVEIRA (1983)** comenta que a sensação necessita de órgãos sensoriais para receber os estímulos provenientes do exterior, órgãos estes que possuem estruturas e funções anatômicas e fisiológicas apropriadas para captar os sinais específicos. Ao passo que a percepção é trabalhada no córtex cerebral, não como formas nem conteúdos, mas como significados. A percepção, por sua vez, é o significado que atribuímos as nossas sensações, tornando-se nítido a diferença do ver e perceber, ou seja, ver é apenas uma sensação, enquanto que perceber é a valoração que atribuímos a determinado objeto. Percebemos, então, algo que atribuímos um valor específico.

A teoria de Piaget, onde a percepção é encarada como algo indissociável do sujeito, considera o conceito de atividade perceptiva, que se dá em um continuum, desempenhando um papel de destaque na construção do pensamento lógico e, fundamentalmente, na percepção do meio ambiente. **MACHADO (1988)** comentando a teoria de Piaget, explica que a percepção não se coloca apenas em termos de dimensões geométricas, ou seja, altura, largura e profundidade, pois o espaço que percebemos não é um vazio, é preenchido pelas construções humanas, exigindo uma adaptação que se dá através de dois processos difíceis de serem separados: assimilação e acomodação do meio ambiente. Assim, o processo de adaptação também deve ser considerado em termos psicológicos, ou seja, existe constantes trocas funcionais do eu com o meio exterior, consistindo em dois aspectos: o cognitivo e o afetivo. No entanto, o cognitivo se destaca e o afetivo é a energia do sistema. Neste sentido, **MACHADO** destaca que a percepção é o conhecimento que adquirimos através do contato direto e imediato com os objetos e com seus movimentos, dentro do espaço sensorial.

O processo de percepção do meio ambiente é então algo extremamente complexo e único da espécie humana. O meio ambiente apresenta uma heterogeneidade muito grande e cada pessoa vivencia, experiencia e prefere as paisagens que compõem o meio ambiente diferentemente. Moradores, visitantes, viajantes apreciam, gostam ou desgostam de elementos diferentes, dependendo da sua interação com as paisagens.

Há pessoas que sentem aversão por determinadas paisagens, que **RELPH (1979)** destaca como sendo experiências topofóbicas, enquanto que as experiências com as paisagens que nos dão prazer, são agradáveis e positivas são tratadas como topofílicas por **TUAN**. Ressaltando, então, topofilia envolve um sentimento que desenvolvemos por determinado lugar que nos proporciona uma sensação de conforto, não envolvendo nenhum tipo de tensão, ao passo que topofobia significa o medo, a rejeição que sentimos por determinados lugares, incluindo, segundo **RELPH** todas as experiências de espaços, lugares e paisagens que são de algum modo desagradáveis ou induzem ansiedade e depressão. **TUAN (1980)** deixa claro em seu trabalho, que é considerado um clássico ao tratar de topofilia, atitudes e valores que as pessoas desenvolvem em relação ao meio ambiente, que a topofilia assume diferentes formas e amplitudes, não se tratando de algo rígido e repetitivo, pois existem diferentes maneiras de demonstrar a topofilia. No entanto, não há como negar que a topofilia é um sentimento que todas as pessoas desenvolvem em relação ao que elas gostam e lhes dão prazer, sendo praticamente individual, variando desde o apego que determinado indivíduo sente pelo seu lar até o amor à Pátria, que pode ser compartilhado por toda a sociedade.

Todos esses conceitos são importantes em qualquer pesquisa que esteja direcionada para a percepção das paisagens e dos lugares, pois ao trabalhar com a percepção das pessoas diante de determinada paisagem é relevante que esses conceitos estejam bem definidos e nítidos.

A presente pesquisa refere-se ao estudo da percepção do meio ambiente envolvendo um grupo de pessoas que estão passando por um processo de mudança brusca de lugar, já que viviam em uma cidade pequena, (Porto XV), calma, caracterizada pela tranquilidade e conhecimento de todos que lá moravam, para uma cidade planejada pela CESP (Companhia Energética do Estado de São Paulo), uma vez que a antiga cidade ficará totalmente submersa sob as águas do Rio Paraná, diante da construção da Usina Hidrelétrica de Porto Primavera, que será responsável pela inundação de vários municípios pertencentes à dois Estados brasileiros: São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Tal processo é denominado por **PORTEOUS (1988)** como topocídio, ou seja, o desaparecimento deliberado de um lugar, que geralmente se relaciona à implantação de

um grande projeto. O autor chama a atenção que uma das características fundamentais do topocídio é sua implantação de uma maneira suave, sem que a população envolvida perceba o que está ocorrendo e quando percebem, já é tarde.

Este procedimento é totalmente visível em Porto XV, pois os moradores em um primeiro momento sentem um turbilhão de emoções com a perspectiva de mudar para uma cidade totalmente planejada e não se dão conta dos laços afetivos existentes na velha cidade que terão que ser rompidos para sempre.

No entanto, a questão que se coloca não é contrária à implantação de certos projetos, como é o caso das usinas hidrelétricas, pois é indiscutível a necessidade da produção desse tipo de energia. O que se propõe é que os técnicos envolvidos considerem a percepção das pessoas atingidas, garantindo assim o total sucesso do empreendimento, obtendo a satisfação da população envolvida.

No caso dos moradores da velha Porto XV, localizada no extremo oeste do Estado de São Paulo - Brasil, quase todos dependiam da produção de cerâmica, pesca e praticavam uma agricultura de subsistência próxima às margens do Rio Paraná. Fundada aproximadamente em 1904 por comitivas boiadeiras que acampavam na fôz do Rio Pardo com o Rio Paraná, o antigo distrito não possuía nenhuma infra-estrutura, sendo carente de recursos considerados básicos em qualquer cidade planejada. No entanto, os moradores do distrito escolheram viver nesse lugar mesmo ameaçados pelas constantes enchentes do Rio Paraná. Não raras vezes a Defesa Civil da região foi acionada para relocar as famílias ribeirinhas para áreas mais altas, mas, assim que o rio voltava ao leito normal, as famílias novamente voltavam para suas casas.

Hoje, praticamente todas as famílias foram relocadas para a Nova Porto XV, com toda infra-estrutura necessária, com ruas asfaltadas, casas de alvenaria, áreas de recreação, entre outras; restando analisar o processo de adaptação e como percebem e analisam o topocídio ocorrido no antigo distrito em que moravam.

Para tanto será elaborado um questionário com perguntas abertas pelas próprias pesquisadoras, relativo aos indicadores perceptivos selecionados para este estudo e que será aplicado a diferentes segmentos da população, objetivando identificar os próprios valores que as pessoas atribuem à barragem, bem como à antiga e à nova cidade.

Esta metodologia foi aplicada por **VILLELA (1992)** quando estudou o caso específico de Nova Ponte (MG), demonstrando os conflitos decorrentes de paisagens que se superpõem (vivida e planejada). Na pesquisa, a autora identificou os filtros perceptivos que direcionam o experimentar das paisagens em justaposição, como por exemplo, expectativa, tristeza, medo, hesitação, satisfação, modernidade, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MACHADO, L.M.C.P.** A Serra do Mar Paulista: um estudo de paisagem valorizada. Rio Claro, 1988. (Tese de Doutorado)
- OLIVEIRA, L. de.** A percepção da qualidade ambiental. In: A ação do homem e a qualidade ambiental. ARGEO, Rio Claro, 1983.
- PAIVA, M. P.** Impactos das grandes represas sobre o meio ambiente. Ciência e Cultura, v.35, n.9, pp.1274-1282, 1983.
- PORTEOUS, J.D.** Topocide: the annihilation of place. John Eyles and David M. Smith (ed.), 1988.
- RELPH, E.C.** As bases fenomenológicas da geografia. Revista Geografia, v.4, n.7, Rio Claro, 1979
- TUAN, Y.F.** Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.
- _____. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.
- VILLELA, S.M.A.** Nova Ponte - MG: uma paisagem a ser vivida. IGCE, UFMG, Belo Horizonte, 1992. (Dissertação de Mestrado)